

Análise das eleições municipais de 2004

03/11 09h44

O segundo turno das eleições municipais não teve grandes surpresas. Mesmo a vitória de José Fogaça, que chegou em segundo lugar no primeiro turno em Porto Alegre, era esperada. Desenhava-se uma coligação de forças políticas para derrotar o PT no estado. A seguir, balanço político e partidário dos resultados:

PSDB - O partido é o principal vitorioso do segundo por conquistar a cidade de São Paulo, a terceira eleição mais importante do país, por consolidar-se como o principal partido de oposição e por ter vencido cinco capitais. A conquista de São Paulo tem significado especial para o partido, que agora governa o estado e a capital, os maiores colégios eleitorais do país. O governador Geraldo Alckmin e o prefeito eleito José Serra saem fortalecidos para a sucessão de 2006. Outro ponto importante é que o triunfo de Serra em São Paulo pode ressuscitar a aliança PSDB e PFL na eleição para presidente da República em 2006. Curiosamente, a vitória de Serra fortalece Alckmin como candidato do PSDB à sucessão presidencial, mas retira do páreo o melhor candidato do partido (Serra) para a sucessão estadual. Ainda no âmbito do PSDB, a vitória de Beto Richa na capital do Paraná reforça o partido no estado e impõe mais uma derrota direta ao PT.

PT - O segundo turno foi ingrato para o partido. Nem tanto pelo fracasso de Marta, que enfrentou uma taxa de rejeição elevadíssima em toda a campanha, mas pelo desempenho no Rio Grande Sul, onde foi batido em todas as disputas importantes, e pela perda de outras capitais e cidades importantes: Belém, Goiânia, Curitiba, Caxias do Sul (RS), Santos (SP). Apesar de ter sido o campeão de votos válidos de 2004 (17,2%) e ter aumentado o número de prefeitos no total, nas cidades com mais de 150 mil eleitores, que reúnem quase metade dos votantes do País, o PT amargou uma derrota significativa. Perdeu quatro capitais onde mandava, a começar pela mais importante do América Latina (São Paulo) e inúmeras cidades médias importantes, sendo desalojado da região Sul, mais desenvolvida, rumo aos grotões. Nos grandes centros, passou a governar quase metade dos eleitores que governava.

Para compensar o desempenho pífio, o partido venceu em nove capitais, aumentou a sua votação em termos percentuais e dobrou o número de prefeituras que administra. O mais importante de tudo é que nem Lula e nem seu desempenho econômico foram objetos de julgamento preferencial do eleitor na disputa municipal. A nota curiosa é a vitória de Luizianne Lins em Fortaleza. Considerada radical, foi abandonada pelo partido no primeiro turno. Agora sua vitória é fator de risco para Lula pelo potencial de mau desempenho que Luizianne pode apresentar a frente de uma prefeitura bem gerida nos últimos

mandatos. O PT ainda está traumatizado com a catastrófica gestão de Maria Luiza Fontenelle, a primeira prefeita eleita da história do partido nos anos 80 em Fortaleza.

Derrota de Marta Suplicy e o PT em São Paulo A derrota de Marta Suplicy foi emblemática. Além de ter feito uma campanha rica, o partido usou todas as suas estrelas na tentativa de reeleger a prefeita e não conseguiu diante da elevada rejeição pessoal da candidata. Marta sai enfraquecida para disputar o governo do Estado em 2006, mas continua sendo um nome forte em um partido pobre de estrelas. Os senadores Aloizio Mercadante, Eduardo Suplicy e o deputado João Paulo Cunha também ganham fôlego para disputar com Marta a sucessão de Alckmin. Marta deverá contar com ampla solidariedade do Planalto. Como prêmio de consolação poderá ganhar um cargo na Esplanada dos Ministérios ou em algum organismo internacional.

PMDB - O maior partido teve, apenas, duas notas de destaque. A vitória de Íris Resende em Goiânia, marcando a volta do velho político populista ao controle da capital, e o aumento do capital político do Germano Rigotto, governador do Rio Grande do Sul, que derrotou o PT em seu estado pela segunda vez. Rigotto celebrou especialmente a derrotar o PT em sua cidade natal, Caxias do Sul, onde perdera a disputa municipal na eleição passada. Na coluna da contabilidade negativa, anota-se o desempenho político do casal Garotinho, que perdeu no Rio (1º Turno), em Nova Iguaçu, Niterói e em Campos, cidade natal da dupla. Pior é a exposição negativa de Garotinho na mídia nas últimas semanas, o que abala sua imagem como eventual candidato presidencial. Tanto a vitória política de Rigotto quanto a derrota de Garotinho reforçam o time dos insatisfeitos com a participação do PMDB no governo. Em consequência, a reunião prevista no dia 10, para discutir os rumos do partido promete ser quente.

O fracasso dos ministros gaúchos. A derrota do PT no Rio Grande do Sul é lamentável para os quatro ministros gaúchos do governo Lula. A tropa gaúcha, conhecida por ser mais radical e intransigente no encaminhamento de suas teses, foi incapaz de transformar o poder formidável que possuem em prestígio político para os seus candidatos.

PFL - Não se saiu tão mal no primeiro turno, mas teve um péssimo segundo turno. As derrotas em Salvador e Manaus enfraquecem o partido que fica apenas, em nível, municipal, com César Maia, no Rio de Janeiro. A derrota de ACM em Salvador enfraquece seu poder já que escolheu César Borges em detrimento da opinião de outros líderes. O dado interessante é que as derrotas podem reforçar a união do partido em torno do PSDB para as eleições de 2006.

ACM promete vingança Na semana passada, ACM anunciou que poderá causar problemas para o governo no Senado. Seu candidato derrotado em Salvador, César Borges, chegou a dizer que assinaria requerimento para a CPI do Waldomiro após o encerramento das eleições.

PDT - Sem Brizola, o partido se mantém vivo e atuante. As vitórias em Salvador, Maceió, Campos, Bauru e Campinas foram muito importantes para a legenda. A vitória mais importante foi, sem dúvida, em Salvador, onde o conseguiu bater o candidato do PFL apoiado pelo governador e pelo senador Antônio Carlos Magalhães.

PPS - A vitória em Porto Alegre deu grande reforço à legenda. Outras conquistas importantes no segundo turno foram em Pelotas (RS), São José do Rio Preto (SP) e Montes Claros (MG). O bom desempenho do partido é creditado ao presidente da legenda, deputado Roberto Freire. Já o ministro da Integração Nacional, Ciro Gomes não se saiu bem. Ambos divergem sobre a continuidade do apoio ao governo, o que pode significar a saída de Ciro Gomes do ministério.

Terceira força na sucessão presidencial?

O PDT já está na oposição. O PPS ensaia uma saída da base de apoio ao governo no plano federal. As duas legendas estão negociando a formação de um bloco ou até mesmo de uma nova legenda. Como aliados ou sob uma nova sigla, PPS e PDT podem surgir como uma terceira força na sucessão presidencial com um novo nome na disputa. O partido nasceria com 7 senadores, 35 deputados federais, 611 prefeitos e 3 governadores. A ida do Garotinho para o PDT, que chegou a ser cogitada, parece improvável por conta do antagonismo verificado na eleição nas eleições municipais do Rio de Janeiro. Assim, a aliança teria que inventar um candidato. A eventual coligação disputaria com Seria uma opção para o eleitor insatisfeito com o governo Lula e contrário ao retorno do PSDB e PFL ao Palácio do Planalto.